

## **A DOR POR DE TRAZ DO LUTO MATERNO: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA**

**Elizabetha Queiroz da Paixão<sup>1</sup>**  
**Fernanda Bicalho Pereira<sup>2</sup>**

**fernandabicalhopereira@gmail.com**

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências da Saúde

### **RESUMO**

A temática do luto, especificamente o luto-materno, causa impacto na fronteira de contato, assim como nas formas ajustamentos de uma mãe. O objetivo desse estudo de caso é compreender o sofrimento de mães que tem como gestalt aberta o luto pela morte de seus filhos. Para tanto, é preciso entender que o luto é um processo natural da vida, um momento de autorregular-se ante a perda. Em conformidade com a pesquisa teórica na Gestalt-terapia, da qual tem como finalidade ter a perspectiva do contato, afastamento e formas de ajustamento que há na relação da mãe em seu enfrentamento do luto, trazendo informações sobre relatos de sua experiência. Portanto, a compreensão de luto nesta pesquisa indica que, este processo é realizado através da elaboração criativa de recursos para o enfrentamento da perda, buscando-se a retomada do estado de autorregulação, ou seja, a homeostase.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gestalt-terapia, luto, materno, perda.

### **INTRODUÇÃO**

Diante do ser humano, em suas perdas reais e simbólicas que ocorrem ao decorrer da vida, é preciso levar em consideração que o processo de luto é comportado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, ou seja deve ser compreendido como aspectos biopsicossociais que se relacionam a perda e suas interface (COELHO FILHO, LIMA; 2017).

A morte inesperada e brusca de um jovem pode ser interpretada como interrupção do seu ciclo natural da vida e isso, pode acometer em sentimento de impotência, frustração e dor. É possível que a mãe não aceite, tenha pensamentos desorganizados e adquira impotência, lhe traga dificuldade de expressar a sua dor e falar sobre a tragédia vivenciada, o que pode caracterizar possível fator de risco para o desenvolvimento de um luto complicado (ALARCÃO, 2008).

O luto complicado, que antes era considerado como patológico, necessita de cuidado, para que não haja classificação rapidamente como lutos disfuncionais,

<sup>1</sup> Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre em Enfermagem. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

desde que, o luto complicado não está relacionado a tempo, mas sim à intensidade como é sentido, ao risco de adoecimento físico e psíquico e as complicações de encontro a adaptação sem a pessoa falecida (KOVÁCS, 2021).

A morte de um filho se caracterizada como a morte de um mundo, ou seja, a perda da existência dessa mãe, da relação que ela tinha com ele (DE LUCAS FREITAS, 2013).

É inesperado por si só a morte, quanto mais a de um filho ou filha. Conseqüentemente o luto está envolto de medos e tabus, por ser um tema complexo. Contando com cultura, educação, grupo social e religião são elementos que estão diretamente ligados à forma como o ser humano vivencia a perda e vela o seu morto (COELHO FILHO, LIMA; 2017).

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é compreender o sofrimento de mães que tem como gestalt aberta o luto pela morte de seus filhos. Então, para tanto, a presente pesquisa busca, por meio de um estudo de caso, analisar o relato de uma paciente, algumas de suas principais dificuldades relacionadas com a criação de rotinas fixas, interesses específicos intensos e oscilações emocionais, vivenciadas a partir da morte de um filho.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O luto não é uma doença. É um processo natural, um momento de autorregular-se ante a perda, que na visão da Gestal-terapia é apresentada como um processo, e não com um estado, sendo uma vivência que cada pessoa vivencia de forma particular e única, ainda que sejam observadas certas semelhanças.

No Brasil, nos últimos cinquenta anos, veio a desenvolver um processo de individualização das relações sociais e nas formas de agir e pensar individuais de forma que leva a pensar como o luto foi internalizado, como é o processo simbólico, o significado social do sofrimento no imaginário brasileiro; por conseguinte, por quais mudanças tem passado o fenômeno do sofrimento causado pelo luto, e que reações a esse fenômeno tem enfrentado junto aos indivíduos (KOURY, 2014).

Marras (2020) apresenta que o processo de perda traz mudanças na vida da mãe que demonstra anseio intenso pelo objeto perdido (ansiedade pela separação), sendo: o pesar; ameaças à segurança; mudanças importantes na vida pessoal e

familiar, assim como lembranças terríveis de eventos aterrorizantes; culpa pela morte, dirigida a outras pessoas; vergonha e/ou culpa por sua negligência ou cumplicidade.

Mudanças que vem de encontro ao processo que possui dois movimentos importantes para a vida do enlutado: orientação para a perda e orientação para a restauração/reparação, podendo ser de forma oscilada. Os enlutados em seus estágios iniciais sentem como se tivessem perdido tudo daquela pessoa que morreu; ao decorrer do tempo descobrem que, ao legitimar o vínculo com a pessoa que morreu é o que torna possível deixar que a pessoa se vá, simplesmente porque sabe que nunca deixara de tê-la consigo (MARRAS, 2020).

A identificação dos fatores de risco e tendências socioculturais é de importância para o cuidado com as pessoas enlutadas. Mudanças sociais são responsáveis por dificuldades de elaboração do luto. E ter espaço para a elaboração da perda ao lidar com os sentimentos e o sofrimento; e a necessidade de reorganização da vida sem a pessoa falecida, é um processo a ser elaborado pela mãe (KOVÁCS, 2021).

As mães podem apresentar envolvimento afetivo especialmente em conflitos que não estavam diretamente relacionados à perda de seus filhos; é como se essas situações as ocupassem e fizessem com que elas se distanciassem um pouco da dor de sua perda. Podendo demonstrar envolvimento afetivo especialmente em conflitos que não estavam diretamente relacionados à perda de seus filhos; é como se essas situações as ocupassem e fizessem com que elas se distanciassem um pouco da dor da perda (DE ANDRADE *et al.*, 2017).

Por conseguinte, em uma relação conjugal a dor dessa mãe pode afetar o seu esposo que pode não demonstrar seus sentimentos, para manter uma posição de "durão", normalmente atribuída ao provedor do lar. entretanto, não compreende que, ele viveu pode viver o luto da forma dele, de maneira individual e diferenciada do restante da família e dela. A culpa pode se presentificar nesse momento por não estar se sentindo a mesma pessoa após a morte do filho (MORELLI *et al.*, 2013).

Quando não consciente dos movimentos internos aparece um mal-estar físico ou emocional. Logo, ao se observar é possível detectar que as emoções se manifestam corporalmente. Dessa forma, Fritz Pearls explica que, as interrupções

experimentadas traduzem-se em questões pendentes a serem encerradas, ou seja, essas questões absorvem a energia e impede que essa pessoa, ou então, conforme o estudo, impede que essa mãe flua conforme interrupções no transcurso da vida diante de possíveis ajustamentos. Podendo contar com a percepção danificada e não conseguindo orientar-se de forma correta. Mas, o correto pode não ser o mesmo que saudável para si (MURGO, 2016).

Quando há um transcurso de vida “normal” onde não se tem, ou então as questões foram resolvidas, o enlutado descobre que, muito de seu passado continua a ter importância no planejamento do futuro (MARRAS, 2020).

Contudo, a sobrecarga tanto física quanto psicológica que recai sobre os familiares precisa ser acompanhada pela equipe de saúde, para que dessa forma, o luto seja elaborado. Levando em consideração que, o acompanhamento deve ser oferecido pelas equipes que atuam nos cuidados paliativos (MORELLI, 2013).

Além do mais, a morte de cada pessoa compõe sua história existencial. A autorização e reconhecimento da perda são fundamentais para a elaboração do luto. Muitas das vezes quando a pessoa fica calada, se recolhe, não expressa os seus sentimentos, dá uma falsa ideia de que não está sofrendo. Podendo assim, ter o seu luto não reconhecido pelas pessoas ao seu redor (KOVÁCS, 2021).

Quando essa mãe não se sente autorizada em expressar o seu pesar, por conta desse luto não ser socialmente reconhecido abertamente pela falta de empatia crescente nas relações, que é uma grande impulsionadora pela constante ansiedade de seguir adiante. A partir do momento em que essa mãe expressa o seu luto de forma inapropriada é vista de forma errônea e não terá autorização, reconhecimento e apoios das pessoas que a cercam, podendo então, se inibir diante da autocensura ao seu redor (FUKUMITSU, 2018).

O luto de forma inapropriada é visto como um desequilíbrio dentro do lar, a desestruturação no casamento desses pais e o isolamento destes, permanecendo presos às lembranças e fantasias de que esse ente querido ainda vive, o que retarda sua elaboração física e mental, dificultando assim, a retomada das atividades corriqueiras (MARVILA, 2018).

## **METODOLOGIA**

O Trabalho se configura em um estudo de caso em conformidade com a pesquisa teórica na Gestalt-terapia, da qual tem como finalidade ter a perspectiva do contato, afastamento e formas de ajustamento que há na relação da mãe em seu enfrentamento do luto, trazendo informações sobre relatos de experiência do caso observado de uma mãe que sente uma enorme culpa por sua filha estar morta.

De acordo com Ventura (2007) o estudo de casa tem como objetivo analisar o foco em uma unidade, ou como neste trabalho, um indivíduo que é único e singular, assim como priorizar a abordagem qualitativa da pesquisa, desde que, as características consideradas fundamentais são a interpretação dos dados realizada no contexto; assim como a constante busca por respostas e indagações; ou então, a retratação completa e profunda da realidade; tendo o uso de uma variedade de fontes de informação; a possibilidade de generalizações naturalísticas e a revelação dos diferentes pontos de vista sobre o objeto de estudo.

Nesse caso para a elaboração do estudo, foi realizada uma pesquisa sistemática com uma paciente em luto que constantemente se culpa pela morte da filha. Em virtude dessa observação foram pontuados aspectos que serão pontuados no item discussão e resultados.

Mediante a essa discussão, busca-se compreender por meio da apresentação de características do discurso de culpa da paciente, sem discrimina-la ou culpa-la, assim como entender como comporta mediante a sua dor, a fim, de perceber como ela tem estado em seu luto, e as suas possíveis formas de ajustamento em sociedade.

Todos os dados e documentações referentes aos atendimentos encontram-se registrados em prontuário na clínica escola. Deste modo, utiliza-se como ferramenta o método descritivo.

A pesquisa realizada é em cumprimento ao estágio específico do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. O estágio foi realizado no mês de julho a dezembro perfazendo um total de 440h, e contemplou com atendimentos clínicos supervisionados pela professora Magali Santana, e orientado pela professora Fernanda Bicalho Pereira.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa apresenta sessões realizadas com uma cliente adulta, que recebe tratamento terapêutico há 14 meses no Serviço de Psicologia Aplicada, sendo que serão alvo dessa pesquisa os últimos 10 meses de acompanhamento. A paciente buscou atendimento em função do luto pela perda de sua filha, sendo um luto que permeia dezesseis (16) anos desde essa morte, e perpassará com ela por toda a sua vida, afinal, quando nasce um filho, nasce também uma mãe, e sendo mãe não se divorcia como na relação esposa-marido, há um vínculo singular e complexo desde o nascimento.

Enquanto esteve em sessão, a cliente que receberá o nome fictício de Carmen nessa discussão; é acompanhada por uma terapeuta tendo a oportunidade de se expressar e ser ouvida sem julgamentos e pré-conceitos, podendo relatar suas queixas e recebendo acolhimento e escuta qualificada da profissional com o sigilo e respeito enfatizado e esclarecido a mesma, sendo convidada a reflexões em momentos julgados necessários.

Foram utilizadas técnicas da Gestalt-terapia, como: o experimento e a presentificação da experiência. O experimento é uma técnica onde o cliente participa ativamente e por orientação do terapeuta frente a uma situação que emerge na prática, onde é possível explorar ainda mais que é trago pelo paciente, por meio de recursos nas quais abrange as sensações, expressão corporal frente ao acontecimento. Diante disso o terapeuta precisa estar atento ao tempo e ao preparo do cliente para que tenha êxito. Enquanto que, na presentificação, o foco é o que se passa no presente imediato, ou seja, no aqui-agora, onde o cliente não está somente atento ao que pensa, mas também em suas reações físicas, como: tremor da voz (SAMPAIO, 2020).

Em sua queixa relata que após a morte de sua filha há dezesseis (16) anos nunca mais parou de sentir “a dor maior no mundo”, que é como expressa a intensidade que sente em relação a sensação que a acompanha. Quando a sua filha morreu, ela passou 1 ano sem levantar de sua própria cama, não possuía forças para se alimentar, emagreceu bastante, e só não chegou a um estado desnutrido pois o seu filho de dezenove (19) anos cuidava da mesma.

Quando permeia o silêncio e a falta de liberação das emoções pode provocar a estagnação, e isso indica que, o indivíduo está negando-se à elaboração do processo de luto, e é o que ocorreu nesse caso. Dessa forma, permanece o apego, no sentido de posse, e o pesar (MARTINS; LIMA, 2014).

Desde a sua perda, Carmen, fez a promessa pra si mesmo que não voltaria mais para a cidade onde a sua filha morreu, tendo o filho ganho uma bolsa de estudo em uma faculdade em uma outra cidade mais distante próxima, utilizou dessa estratégia para o seu bem-estar, e se mudou afim de se preservar.

Por meio da abordagem da Gestalt-terapia é possível lidar com os sentimentos, de forma que, há um fortalecimento dessa mãe para que a consciência da mesma desperte para a responsabilidade que é viver o seu “aqui e agora”, em seu presente, de forma autêntica visando a sua necessidade naquele momento. Consequente, quando a pessoa consegue alcançar a awareness, está entra em contato pleno com a experiência no momento presente (MARTINS; LIMA, 2014).

Na Gestalt- terapia a construção do vínculo terapêutico é algo complexo que não depende única e exclusivamente do Psicólogo, mas também do cliente. Contudo, o psicólogo, na relação terapêutica, tem maior responsabilidade e possibilidade de manejar este processo. Alguns elementos são fundamentais, como: o contrato, postura acolhedora, presença terapêutica, postura fenomenológica e Valorização do potencial do cliente (DA SILVA QUEIROZ, 2017).

A data de aniversário da filha de Carmen lhe machuca por não poder comemorar por mais anos de vida junto a ela. Ela encontrou uma forma de prestigiar de forma que a sua filha ficasse contente consigo, que é por meio de ações sociais nas escolas de aprendizagem, onde ela consegue ensinar a outros e ver o sorriso dos mesmos.

Trata-se de um processo homeostático, onde essa mãe busca por satisfazer as suas necessidades, vontades e desejos. A tendência por atualizar o organismo é um impulso da natureza humana que são vistas como uma capacidade a ser estimulada em confronto com as necessidades. Quando se tem um processo homeostático há uma autorregulação, onde essa mãe está em interação com o meio de modo onde há um equilíbrio (MANSO, 2016).

Ao se olhar para o luto é preciso se atentar a forma como essa mãe reage, desde que, o luto possui muitas variáveis para se sentir e reagir. A morte é vista como um tema que causa temor e fascínio, enquanto para uns evoca medo, angústia e reconhecimento da sua finitude. Fatores como vínculo, idade do filho no momento da perda, circunstâncias da perda - onde a morte ocorreu, como a morte ocorreu e as causas da morte - contribui para o processo de luto dos pais (COELHO FILHO, 2017).

A autora Kubler-Ross (2011) discorre sobre os cinco (05) estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Os estágios do luto são mecanismos de defesa psíquica onde a pessoa utiliza para lidar com fatos de difícil aceitação. No estágio da negação, o sujeito encontra-se frente a uma realidade inaceitável, e prefere fugir do fato diante de si, com o passar do tempo a negação contribui para que a pessoa se recupere e reaja de forma diferente. A raiva, como segundo estágio, manifesta a dor que a pessoa está sentindo, expressa por meio de sentimentos de revolta, inveja e ressentimento. Enquanto, no estágio da barganha, a pessoa se concentra em sua crença, responsabilizando Deus pelo ocorrido e alguém que pode mudar a realidade, a vida torna-se negociável com o ser superior. A depressão é a fase de preparação para a aceitação da morte, a pessoa recolhe-se ao mundo interno, sentindo-se impotente diante da situação. Por fim, a aceitação é o último estágio, nesse momento a pessoa entende a realidade da morte encerrando sua luta contra essa realidade.

Em suas queixas a paciente relata ter dias nublados onde não consegue se alimentar por remeter a sua filha que amava comer, inclusive desde o ocorrido não ingere mais bolo por ser o alimento favorito dela, assim como o café que não consegue tomar com açúcar como antes do ocorrido, e explica como são experimentadas em seu cotidiano, e que sente muita culpa e dor por não ter mais a sua filha junto a ela fato esse responsável pela procura de tratamento terapêutico.

Por dezesseis anos o quarto de sua filha permaneceu intocável, onde ninguém poderia mexer, a não ser que fosse ela. Ocorreu de o seu filho pedir a ela a bicicleta da irmã morta emprestada, no entanto, ela sentiu raiva no momento e não permitiu. Após esse episódio, mais ou menos 03 meses, Carmen chegou em sessão exalando alívio, relatou que conseguiu doar algo de sua filha... doou a mochila

escolar de sua filha para uma outra menina. Ela expressa como: “Essa menina tocou o meu coração”; “Eu senti amor”. Demonstrando a magnitude em que o apego às lembranças e à memória que as coisas de sua filha carregam. E “amor” foi à palavra que permeou a sessão, onde com nostalgia relatou carinhosamente a forma que a filha se apresentava com a mochila e o quanto sente a falta dela.

Reconstruir uma nova identidade é um processo lento e vivenciado com dificuldade pelos enlutados. Esse processo de luto deve ser compreendido, de forma, gradativa de desapego das coisas que se foram com a pessoa, é preciso de um espaço para a lamentação direcionada a elas e para a possibilidade de reconfiguração de uma nova identidade. Se despedir de padrões que fizeram parte de sua vida, adquirir novos conhecimentos e vivências permite o seu crescimento no diferente. Nesses momentos de descarrilamento é que a pessoa passa a reconhecer seu potencial, que consegue abrir mão das muletas e andar com as suas próprias pernas, de modo mais autêntico. Podendo se tornar aware, consciente, de suas necessidades internas e externas, e também se colocar diante da vida de maneira mais criativa e integrada, sendo capaz de abrir mão do papel manipulador que sustenta sua dependência e transfere ao outro as decisões de sua própria vida (NASCIEMENTO; DO VALE, 2020).

Diante da perda de sua filha a paciente apresentou comportamentos de se fechar para as pessoas ao seu redor e de controlar a vida de seu filho que ela mesma passou a reconhecer ao longo da terapia como não saudável. Atualmente, luta contra a vontade de ligar para a sua filha a todo instante, devido a discussões que teve com o mesmo, onde ele relatou e ela trouxe para a terapia que ele estava se sentindo sufocado. Isso verberou devido, há certo dia a paciente ter ligado ao filho cinquenta vezes durante uma noite em que ele saiu, além de, ele ter que conversar com a mesma durante o tempo em que está fora de casa, seja para saídas de lazer ou estudo. Com isso, tenta se desconectar das redes e se tranquilizar ouvindo músicas, pois em terapia está fortalecendo o seu autossuporte, entendendo que não tem o controle sobre tudo, nem tem que ter nem precisa ter, levando em consideração que a vida é um ciclo vital que cada um precisa vivenciar e sentir.

Estar saudável é usufruir da consciência de um conjunto de possibilidades, a partir da relação com o Outro (mundo e ser). Quanto maior a capacidade do organismo de criar novas formas, a partir das necessidades do meio, na interação com o mundo e com o outro, maior será a liberdade e o fluxo de awareness. Por meio das chamadas fronteiras de contato é possível vivenciar e fortalecer o relacionamento com o outro. Estas fronteiras podem ser listadas como pensamentos, sensações, emoções e ações. No momento em que há a experiência da novidade no organismo, indivíduo/ambiente, acontece um desequilíbrio de forças inseridas no campo. O movimento de reequilíbrio é denominado de ajustamento criativo, este movimento confere ao organismo um sistema de autorregulação do sistema fisiológico de preservação da vida (DE LIMA, 2022).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Gestalt-terapia é sustentada em suas teorias de base e filosóficas, acredita no potencial humano e na habilidade de ser o que sabe melhor e mais sobre si mesmo, ainda que em algumas situações apresente desequilíbrio. Essa abordagem compreende, ainda, que o crescimento, o amadurecimento decorre do reconhecimento e assimilação dos eventos, os quais habilitam o ser humano (DE LIMA; 2022).

É essencial que se reforce as políticas públicas de cuidado a enlutados para complementar o trabalho realizado por organizações não governamentais, como a rede de Apoio a Perdas (Ir) reparáveis (API) que nasceu da necessidade do compartilhar experiências entre pessoas que haviam perdido filhos.

Esse trabalho relatou observações realizadas nas sessões feitas com uma paciente de nome fictício Carmen em enfrentamento de luto por sua filha, onde, buscou-se a investigar o processo, a fim de evidenciar um tratamento acolhedor de forma que fosse possível o enfrentamento de maneira saudável para si mesma.

A compreensão de luto nesta pesquisa indica que este processo é realizado através da elaboração criativa de recursos para o enfrentamento da perda, buscando-se a retomada do estado de autorregulação, ou seja, a homeostase.

No que se refere ao proposto, foi percebido a quão única e particular é a dor de uma mãe, e o quanto construção do vínculo entre o paciente e psicólogo se faz

importante e necessário, desde que, é através dessa construção que o paciente encontra por meio de sua fala a liberdade para sentir e explorar o que lhe angustia e causa sofrimento.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Ana Carolina Jacinto; CARVALHO, Maria Dalva de Barros; PELLOSO, Sandra Marisa. A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, p. 341-347, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/JYbmHvhHc3jkDgm6bdjCjgp/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 15 Nov. 2022.

COELHO FILHO, João Ferreira; LIMA, DM de A. Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. **Psicologia Argumento**, v. 35, n. 88, p. 16-32, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.88.18432Luto>> Acesso em: 16 Nov. 2022.

DE ANDRADE, Marcela Lança; MISHIMA-GOMES, Fernanda Kimie Tavares; BARBIERI, Valéria. Recriando a vida: o luto das mães e a experiência materna. **Psicologia: teoria e prática**, v. 19, n. 1, p. 21-32, 2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-895879>> Acesso em: 14 Nov. 2022.

DE LUCAS FREITAS, Joanneliese. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/kVYCVNL5nFcJmXDKw6rrcqj/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 26 Abr. 2022.

DE LIMA, Natasha Cabral Ferraz. Práticas da Gestalt-Terapia no Contexto Hospitalar: revisão sistemática de literatura. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, v. 22, n. 2, p. 27-44, 2022. Acesso em: 12 Nov. 2022.

DA SILVA QUEIROZ, Edilza Wanderleia. A construção do vínculo terapêutico: Uma reflexão sob a perspectiva Gestaltica The Construction of the Therapeutic Link: a reflection from the Gestalt perspective. **IGT na Rede ISSN 1807-2526**, v. 14, n. 26, 2017. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/download/518/678>> Acesso em: 10 Nov. 2022.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Vida, morte e luto**. São Paulo: Summus, 2018. Disponível em: <<https://www.gruposummus.com.br/wp-content/uploads/primeiras-paginas/11101.pdf>> Acesso em: 28 Abr. de 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, v. 27, p. 593-612, 2014. <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/67MkfspntYm9kBcgTss9nMx/?lang=pt>

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Sinopsys Editora, 2021. Xx, 201 p. 16 x 23 cm. ISBN 978-65-5571-016-8. 1. Educação – Morte. 2. Morte – Aspectos simbólicos. 3. Atitude frente à morte. 1. Título 2021. Acesso em: 23 Abr. 2022.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais tem para ensinar a medicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. (6ª ed.). Sao Paulo: Martins Fontes. 2011. Acesso em: 15 Nov. 2022.

MANSO, José Guilherme da Costa. **Gestalt-terapia de curta duração**: modelo Jorge Ponciano Ribeiro: um estudo de caso. 2016. Acesso em: 15 Nov. 2022.

MARTINS, Marize; LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 01-39, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262014000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100002)> Acesso em: 13 Nov. 2022. Acesso em: 15 Nov. 2022.

MARVILA, Wanner Sobroza *et al.* A dor por trás do luto materno: uma investigação acerca dos mecanismos de sobrevivência criados a partir do luto. **Cachoeiro de Itapemirim, Curso de Psicologia. Faculdade Multivix**, 2018. <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/a-dor-por-traz-do-luto-materno.pdf>

MORELLI, Ana Bárbara; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2711-2720, 2013. <https://www.scielo.br/j/csc/a/vxpbmhtx6XJbrZfJHqZPksF/abstract/?lang=pt>

MARRAS, Margaret. **Angústias contemporâneas e gestalt-terapia**. Summus Editorial, São Paulo. 2020. Acesso em: 28 Abr. 2022.

MURGO, Gabriela Regina. **Gestar-se Resgatar a criança interior/Gabriela Murgo**; tradução Constantino Kouzmin-Korovaeff.-1.ed.-Rio de Janeiro: Semente Editorial, 2013.

NASCIEMENTO, L.C.S; DO VALE, K.S. **Sentidos em Gestalt-terapia** [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Acesso em: 15 Nov. 2022.

SAMPAIO, Bruno. Gestalt-terapia na prática: conheça as técnicas utilizadas na abordagem e os conceitos por trás delas. **Sanar Saúde**. 2020. Disponível em: [anarsaude.com/portal/residencias/artigos-noticias/colunista-psicologia-gestalt-terapia-na-pratica-conheca-as-tecnicas-e-conceitos](http://anarsaude.com/portal/residencias/artigos-noticias/colunista-psicologia-gestalt-terapia-na-pratica-conheca-as-tecnicas-e-conceitos). Acesso em: 15. Nov. 2022.